

## A importância da reescrita constante em artigos de opinião produzidos por universitários

### The importance of constant rewriting in opinion articles produced by undergraduates

Letícia Lemos Gritti<sup>1</sup>

Universidade Tecnológica Federal do Paraná/Pato Branco

Janaína Zanin<sup>2</sup>

Universidade Tecnológica Federal do Paraná/Pato Branco

Silvana Giongo<sup>3</sup>

Universidade Tecnológica Federal do Paraná/Pato Branco

Rosangela Aparecida Marquezi<sup>4</sup>

Universidade Tecnológica Federal do Paraná/Pato Branco

**Resumo:** Este artigo propõe-se a analisar excertos de reescrita, a partir da produção de artigos de opinião redigidos por acadêmicos iniciantes e corrigidos por duas professoras em formação, do curso de Letras Português/Inglês, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, *campus* Pato Branco, a partir de um projeto de extensão universitária, coordenado por professores do curso. A análise parte do pressuposto de que a linguagem é de natureza social e os enunciados da língua possuem um locutor e um interlocutor e que as reformulações feitas em um texto são em prol do convencimento desses, além de ter o objetivo de facilitar o entendimento durante a leitura. Para isso, ancoram-se as discussões em Vigotski (1996, 2001, 2002), Bakhtin (1997), Marcuschi (2008), Koch e Elias (2014), entre outros. A análise dos dados permitiu observar que, na reescrita, apontamentos de ordem mais formal, tais como correções gramaticais, levaram a outras mudanças semânticas, mesmo sem um apontamento para esse fim. Mas, conforme os dados, apontamentos da ordem do conteúdo (questionamentos críticos das professoras), geram um efeito reflexivo nos alunos. Isso só se

---

<sup>1</sup> Doutora e mestre em Linguística pela UFSC. Professora adjunta do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, *campus* Pato Branco (PPGL-UTFPR-PB). Membro do Grupo de pesquisa CNPQ-UTFPR Linguagem, Atividade e Desenvolvimento Humano LAD'Humano. E-mail: [leticia-gritti@utfpr.edu.br](mailto:leticia-gritti@utfpr.edu.br); orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1626-5930>.

<sup>2</sup> Licenciada em Letras Português-Inglês pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, *campus* Pato Branco-PR. E-mail: [janainazanin97@gmail.com](mailto:janainazanin97@gmail.com); orcid: <https://orcid.org/0009-0003-9933-4413>.

<sup>3</sup> Licenciada em Letras Português-Inglês pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, *campus* Pato Branco-PR. E-mail: [sil\\_giongo@hotmail.com](mailto:sil_giongo@hotmail.com); orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2297-5461>.

<sup>4</sup> Mestra em Educação (UNESP, *campus* Marília). Doutoranda em Desenvolvimento Regional (UTFPR). Professora adjunta da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, *campus* Pato Branco, Paraná, Brasil. E-mail: [marquezi@utfpr.edu.br](mailto:marquezi@utfpr.edu.br); orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8597-583X>.

tornou possível pela oportunidade da reescrita e pelos apontamentos feitos na correção dos textos, o que evidenciou pontos interessantes a serem considerados pelos professores de produção textual.

**Palavras-chave:** Produção de textos. Reescrita. Artigo de opinião.

**Abstract** This article aims to analyze excerpts of rewriting based on the production of opinion articles written by beginner undergraduates and corrected by two teachers in training from a degree course in Portuguese and English Languages and Literature at Federal University of Technology, Campus Pato Branco, from a university extension project, coordinated by course teachers. The analysis parts on the assumption that language is social in nature and language statements have a speaker and an interlocutor and that the repairs made in a text are in favor of convincing them, in addition to having the objective of facilitating understanding during reading. To this end, discussions are anchored in Vigotski (1996, 2001, 2002), Bakhtin (1997), Marcuschi (2008), Koch and Elias (2014), among others. Data analysis allowed us to observe that, in the rewriting, more formal notes, such as grammatical corrections, led to other semantic changes, even without a remark for that purpose. But, according to the data, notes on the content (critical questions from the teachers) generate a reflective effect on the students. This has only become possible due to the opportunity to rewrite and to the notes made during the correction of the texts, which highlighted interesting points to be considered by the textual production teachers.

**Keywords:** Textual production. Rewriting. Opinion article.

## Introdução

Proporcionar aos estudantes atividades que trabalhem as dificuldades envolvidas na expressão escrita de ideias e opiniões são sempre relevantes, visto que o ato de escrever e, por consequência, de ser entendido, tem um alto valor social, pois auxilia na ampliação do conhecimento. Assim, discutir e oportunizar reescritas textuais é importante, principalmente para quem ainda está em fase escolar, seja na Educação Básica ou no Ensino Superior.

Quando se fala no ensino-aprendizagem de escrita, o que vem à tona são os números não satisfatórios dos resultados dos certames no país. Isso porque muitos estudantes brasileiros têm grande dificuldade para aprender a ler e a escrever satisfatoriamente durante seus anos de estudos na Educação Básica. Dados estatísticos apontam que, mesmo após a conclusão do terceiro ano do Ensino Médio, ainda há jovens que podem ser considerados “analfabetos funcionais”. Exemplos não faltam para comprovar esses dados: em 2016, 291.806 redações tiveram nota zero no Exame Nacional de Ensino Médio (Enem); número que aumentou em 2017, quando foram 309.157 o número de redações zeradas (Enem [...], 2018).

Além disso, mesmo entre os estudantes que conseguem obter no Enem notas que lhes permitam ingressar na Educação Superior, em instituições que fizeram a adesão a esse Exame, como forma total ou parcial de ingresso em seus cursos de graduação, raramente se encontram os que têm domínio pleno, tanto de leitura quanto de escrita de textos. Assim, percebe-se que é necessário capacitar os estudantes da Educação Básica para a produção de textos argumentativos, tanto para o exercício da cidadania, em qualquer âmbito, quanto para ingressarem em alguma das instituições de educação superior brasileiras, pois, para terem boas notas no Enem, precisam dominar o tipo textual dissertativo-argumentativo. Além disso, mesmo alcançando a etapa do Ensino Superior, precisarão escrever de forma satisfatória diferentes gêneros textuais.

Diante desse cenário, é que foi idealizada a oficina “Leitura, Escrita e Reescrita de Artigos de Opinião”, por dois professores doutores<sup>5</sup>, da área da Linguística, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, *campus* Pato Branco, a partir do tripé Ensino, Pesquisa e Extensão: a) ensino, pois os acadêmicos formados por esse curso podem, posteriormente, ministrá-lo, com supervisão de seus professores; b) pesquisa, pois os dados gerados fazem parte de um banco de dados<sup>6</sup> e podem ser utilizados como objetos de estudos científicos, tais como o apresentado neste artigo; e c) extensão, pois beneficia a comunidade acadêmica interna e externa, uma vez que o curso vem sendo replicado para alunos da Educação Básica. Essa oficina teve sua primeira versão no ano de 2015<sup>7</sup>, sendo ministrada para dezesseis acadêmicos ingressantes do Curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês, e vem sendo, a cada novo semestre letivo, reofertada.

Do ponto de vista da pesquisa, em particular, ao analisar-se o processo de escrita e reescrita, o intuito da oficina é o de tentar descobrir quais os elementos que estão envolvidos no processo, para que, no futuro, esses estudos possam contribuir para o ensino-aprendizagem de produção textual nas escolas, como também em ambientes acadêmicos. Para a escrita deste artigo, mais especificamente, o objetivo é analisar fragmentos de um texto de escrita e um de reescrita de dois alunos aos quais foi aplicada a oficina. Esses alunos, doravante chamados articulistas, não terão os seus nomes divulgados.

No que se refere à metodologia que será utilizada, salienta-se que o intuito é ler a versão inicial do aluno, com as correções, depois comparar com a reescrita e verificar se houve mudança no texto. Se houve mudanças, analisar de que ordem são e se elas

---

<sup>5</sup> O professor Anselmo Pereira de Lima e a professora Letícia Lemos Gritti trabalham juntos nesse projeto desde seu início. Assim, o professor Anselmo Pereira de Lima teve grande contribuição para a pesquisa veiculada por este artigo.

<sup>6</sup> A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de ética em pesquisas com seres humanos, sob o número 79366117.1.1001.5547 e todos os sujeitos de pesquisa envolvidos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

<sup>7</sup> Essa oficina foi classificada entre os finalistas do Prêmio Professor Rubens Murillo Marques, da Fundação Carlos Chagas, e foi referenciada no livro “Ensinando a ensinar: experiências formativas inspiradoras” (Moriconi, 2020), capítulo “Aprender a ensinar por meio da leitura, escrita e reescrita de textos” (Pereira *et al*, 2020), produzido por pesquisadores dessa Fundação, junto com demais experiências formativas inspiradoras. Nessa obra há esses estudos de caso de formadores de professores que atuam em cursos de licenciatura, com a colaboração da professora e pesquisadora Katherine K. Merseth, da Universidade de Cambridge, Massachusetts.

contribuíram para que o texto tivesse efetivamente uma melhora na articulação dos elementos da escrita. Os professores que, por sua vez, fizeram as correções nos textos dos articulistas foram duas acadêmicas em formação (doravante denominadas professoras em formação) que já tinham se formado na Oficina e, sempre com o suporte dos professores, desempenharam todas as atividades referentes ao papel do professor. Os professores doutores idealizadores da Oficina faziam o acompanhamento em cada aula ministrada e também a supervisão das correções exercidas por elas.

Importante destacar que tanto as análises do trabalho quanto as concepções que orientaram a criação da oficina são ancoradas teoricamente em autores como Bakhtin (1997) e Vigotski<sup>8</sup> (1996, 2001, 2002), que consideram a língua como atividade social, como também em Koch e Elias (2014), dentre outros, que discutem as questões dentro do escopo de como construir um texto com coesão e coerência (nos gêneros que necessitam desses dois fatores de textualidade). Esses autores serão, no decorrer deste texto, mais explanados e explicados no que se refere à contribuição de suas teorias para a análise deste artigo.

### **Discussões acerca do processo de escrita e reescrita**

Os conceitos de autores como Vigotski e Bakhtin são fundamentais para a compreensão dos modos como ocorrem as reformulações no discurso escrito, ou seja, nos enunciados, por isso serão explicitados e discutidos neste referencial teórico, pois embasam a análise dos dados deste artigo. Além desses conceitos, evidencia-se também, neste referencial, aspectos que caracterizam um artigo de opinião, bem como se explana sobre a importância da reescrita de um texto.

Segundo Vigotski (2001), a língua é produto da interação social, e a internalização da linguagem ocorre no percurso do social para o individual. O autor esclarece que esse percurso é mediado tanto pelo signo, pela linguagem, como também pelo outro. Dessa forma, a mediação do outro é o ponto crucial para a teoria vigotskiana, seja para as funções mentais superiores ou para as funções elementares, no que diz respeito ao desenvolvimento do indivíduo. Por isso, a importância da reescrita de um texto, uma vez que ela só é possível mediante o outro, seja corrigindo esse texto inicial, ou sendo o leitor previsto no momento da escrita e reescrita.

As funções mentais elementares, segundo Vigotski (2001), são as de dimensão biológica, presentes nos seres humanos e nos animais, sendo funções naturais, com as quais o ser humano já nasce. Elas são ligadas à percepção, pois “[...] surgem como consequência da influência direta dos estímulos externos sobre os seres humanos” (Vigotski, 2002, p. 52). Diferente das funções elementares, as mentais superiores (ou funções psicológicas superiores) formam-se durante o processo de desenvolvimento do conhecimento e da cultura. São aquelas mediadas pelos seres humanos, pelas coisas, pelas imagens, enfim, pela natureza. Nelas, o signo “[...] age sobre o indivíduo e não sobre o ambiente (Vigotski, 2002,

---

<sup>8</sup> Diferentes formas de grafia do nome deste autor são encontradas (Vygotsky, Vigotsky, Vygotki). Para este artigo, optou-se pela forma mais comumente encontrada em língua portuguesa: Vigotski.

p. 53). Nesse processo de desenvolvimento, segundo Vigotski (2001), entra o papel do outro mais experiente que pode fazer essa mediação.

Nessa perspectiva, o papel do professor que faz as correções do texto do aluno está desempenhando papel importante no desenvolvimento desse aluno, uma vez que o aluno vai reescrever esse texto (se esse for o objetivo proposto pelo professor) e com isso irá pensar e repensar sobre suas ideias, construções frasais, gramaticais e, sobretudo, pensar no outro, no que irá ler o seu texto.

Bakhtin (1997), por sua vez, considera que a apropriação da linguagem se dá do percurso social para o individual. Segundo ele, a língua está presente em diversas esferas da atividade humana e a sua utilização realiza-se por meio de enunciados, orais ou escritos, concretos e únicos. Esses enunciados “[...] refletem as condições específicas e as finalidades” (Bakhtin, 1997, p. 280) de cada esfera social, seja por seu conteúdo, por seu estilo verbal, pela utilização de recursos da língua ou pela sua construção composicional.

Para Bakhtin (1997, p. 280, grifos do autor), esses elementos incorporam-se ao enunciado e, dessa forma, “[...] cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos *relativamente estáveis de enunciados*, esses são os denominados gêneros do discurso”. Cada gênero tem determinadas características, tais como suas finalidades sociocomunicativas, estrutura composicional, conteúdo temático, estilo (verbal) e neles são consideradas as condições de produção.

Os gêneros do discurso<sup>9</sup> definem-se em função das condições sociais de interação em determinadas esferas sociais e não em função de sua materialidade linguístico-textual. Existem muitas esferas de comunicação, tais como a jornalística, a religiosa, a jurídica, a escolar, a acadêmica, dentre outras. Dentro da esfera escolar, um gênero que é utilizado como conteúdo das aulas de Língua Portuguesa é o Artigo de Opinião, que é o gênero analisado neste trabalho.

O Artigo de Opinião apresenta, tradicionalmente, em suas características composicionais, um ponto de vista sustentado por argumentos que o defendem, bem como argumentos contrários e sua respectiva refutação, com uma conclusão em favor da opinião argumentada. O tipo de texto utilizado por esse gênero é o argumentativo, muito utilizado em diversos outros gêneros, razão pela qual foi o escolhido pelo projeto destacado na introdução deste trabalho.

Nesse gênero, o conteúdo temático precisa conter uma polêmica, ou seja, é necessário ter uma ideia a ser defendida, pois a argumentação implica divergência de opinião, como bem observam Abaurre e Abaurre (2012, p. 26) quando afirmam que o principal desafio quando o professor escolhe um assunto é que este “[...] seja provocativo o suficiente para despertar nos alunos o interesse em defender uma posição clara sobre a questão tematizada”. Na feitura do seu texto, o autor precisa se posicionar tentando convencer o leitor com argumentos, tais

---

<sup>9</sup> Existe uma diferença na literatura da área entre gêneros do discurso e gêneros textuais, porém não é objetivo deste trabalho entrar nesse mérito e, portanto, utilizaremos o conceito e nomenclatura dos gêneros discursivos.

como os de autoridade, de dados empíricos, de dados resultados de pesquisa científica ou estatística e de lógica.

Esses tipos de argumentos podem se distribuir em parágrafos argumentativos, redigidos de diferentes maneiras de ordenação, além de observarem os usos de operadores argumentativos, que orientam a argumentação, com a utilização da pessoa do discurso preferencialmente em terceira pessoa, com linguagem clara e objetiva, que obedeça mais ou menos a estrutura de introdução, desenvolvimento e conclusão. É importante ressaltar que, mesmo com diversas maneiras para se construir os argumentos, eles devem visar o objetivo de um texto de opinião, que “É um processo que prevê uma operação constante de sustentação das afirmações realizadas, por meio de dados consistentes, que possam convencer o interlocutor” (Bräkling, 2000, p. 226).

Assim como todos os gêneros, o Artigo de Opinião prevê um leitor que, neste caso, é, teoricamente, crítico, e precisa ser convencido. Somente por esse fato, o papel da reescrita já desempenha papel importante, uma vez que o leitor mais imediato, que é o professor, já aponta para as possíveis críticas, indagações, murmúrios e correções. Para Vigotski (2001, p. 179), “[...] na escrita, [...] a comunicação só pode ser obtida por meio das palavras e suas combinações, exigindo que a atividade da fala assuma formas complexas – daí a necessidade dos rascunhos” (Vigotski, 2001, p. 179). Percebe-se que, para o autor, a evolução dos rascunhos para a versão final reflete o processo mental do próprio indivíduo. Esse processo, para ele, é uma espécie de planejamento, e possui um papel importante para a escrita, pois “[...] mesmo quando não fazemos um verdadeiro rascunho [...]”, ou seja, um rascunho físico, “[...] dizemos a nós mesmos o que vamos escrever, o que já constitui um rascunho, embora apenas em pensamento. [...] esse rascunho mental é a fala interior” (Vigotski, 2001, p. 179).

A fala interior a que o autor se refere, resumidamente, é a que ocorre no interior do indivíduo, ou seja, uma conversa consigo mesmo, não exteriorizada. Segundo ele, essa fala “[...] funciona como um rascunho e este fator é comum na fala oral, não sendo exclusividade da escrita” (Vigotski, 2001, p. 179-180). Mas, não é só esse “rascunho interior” que está em jogo no texto escrito. Segundo Fiad (2006, p. 26), esse “permanece no tempo”, porém, suas alterações ou escolhas “ficam apagadas em sua versão definitiva”. Só é possível percebê-las quando se tem acesso aos rascunhos físicos, ou seja, aos planejamentos ou versões prévias. É nesse momento que fica registrado o “[...] caminho que foi sendo percorrido durante a elaboração do texto” (Fiad, 2006, p. 26). Por isso, a importância de se analisar não apenas a versão final de um texto, mas o todo de sua construção.

Com base nessa constatação de Fiad (2006), pode-se perceber que quando se tem acesso às versões prévias, ou seja, ao planejamento ou aos rascunhos, encontram-se pistas que podem indicar hipoteticamente o trabalho que foi realizado pelo autor do texto, suas possíveis dúvidas, preocupações ou escolhas. Com base nessas ideias, pode-se dizer que o texto, independentemente de seu gênero, deve ser concebido “[...] como um processo de construção que compreende um momento de planejamento, um momento de escrita propriamente dita, de (re)leitura e, ao mesmo tempo, de reescrita” (Santos, 2008, p. 4).

A partir disso, podemos afirmar que “[...] o trabalho de escrita é também um trabalho de reescrita”, uma vez que o processo de produção textual “[...] deve ser de algum modo distinguido da produção final do texto, pois o produto final é o resultado de um processo de muitas revisões” (Marcuschi, 2008, p. 218), o que vem ao encontro dos objetivos da oficina realizada com os universitários e cujos textos são o objeto de análise deste artigo.

Dessa forma, com base nas considerações apresentadas neste item e levando-se em consideração que as reformulações e reescritas se dão no processo de escrita, analisam-se, neste artigo, os dados enquanto processo (escrita e reescrita), e não apenas enquanto produto final (escrita).

### **Caminho metodológico das Oficinas**

A produção dos dados analisados para a pesquisa do processo de produção textual deu-se por intermédio de materiais produzidos no primeiro semestre do ano de 2016, durante a aplicação da “Oficina de Leitura, Escrita e Reescrita de Artigos de Opinião”, ofertada a doze acadêmicos do primeiro período do curso de Letras – Português/Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, *campus* Pato Branco.

Essa oficina teve sua primeira versão em 2015 e, desde então, vem sendo ofertada a cada novo semestre acadêmico. O objetivo principal da atividade é o de desenvolver a capacidade argumentativa dos indivíduos participantes, minimizando, assim, possíveis deficiências de leitura e escrita, como também, contribuir para a formação docente, já que, depois de participarem, os licenciandos, após formados, podem ministrar a oficina a seus próprios alunos.

O número de alunos atendidos em 2016, quando se produziu os dados para este trabalho, foi de oito acadêmicos ingressantes do Curso, público-alvo, como já explicado. Esses acadêmicos foram acompanhados por dois professores doutores, especializados na área de Linguística e por dois acadêmicos do terceiro período, já formados por outra versão dessa oficina. Importante destacar que todas as oficinas são realizadas em um dos laboratórios de informática da referida Universidade, local onde os alunos produzem os textos em computadores.

Conforme já se explicitou, o objetivo principal do projeto de extensão, do qual as oficinas fazem parte, é a de minimizar as deficiências de escrita de acadêmicos ingressantes no Ensino Superior e, ao mesmo tempo, coletar dados para análise científica, com o objetivo principal de refletir sobre o processo de leitura, escrita e reescrita de artigos de opinião. Ao total, cada oficina conta, em média, com seis encontros (descritos na Figura 1), com aproximadamente três horas de duração cada um, a variar de acordo com o tema do encontro.

Figura 1: Cronograma dos encontros

<b>1º encontro</b>	Produção de um artigo de opinião como texto diagnóstico.
<b>2º encontro</b>	Devolutiva feita pelos professores das produções diagnósticas (também troca de textos com os pares) e instruções sobre a estrutura do gênero.
<b>3º encontro</b>	Produção do projeto de texto (mesma temática utilizada nos encontros anteriores) que consistia em seis parágrafos, com a seguinte estrutura: temática e ponto de vista, argumento um, argumento dois, argumento três, ponto de vista oposto e refutação desse ponto de vista e conclusão com retomada dos argumentos, respectivamente.
<b>4º encontro</b>	Discussão e devolutiva por escrito dos projetos de textos e suas temáticas e, nova reescrita de seus projetos de texto.
<b>5º encontro</b>	Devolutiva dos professores por escrito e reescrita do próprio texto.
<b>6º encontro</b>	Produção de um novo texto, com nova temática, sem auxílio dos ministrantes, com o objetivo de avaliar a metodologia empregada na oficina. Esse texto, posteriormente, foi publicado no Blog Pães e Opiniões <paeseopiniaes.blogspot.com.br>.

Fonte: elaboração própria, 2023.

A metodologia utilizada pauta-se muito mais na prática de produção de textos do que na teoria dada em sala. Para tanto, as professoras em formação apresentam devolutivas escritas de cada texto dos alunos. Na oficina ora analisada, o foco foi a primeira e a segunda versão textual (final) de dois alunos participantes, sendo que não foram analisados os projetos de texto, pois, nestes, foi pedido que os alunos resumissem em uma só frase o parágrafo, o que não torna possível a verificação de apontamentos específicos de cada texto e se houve a sua reescrita.

O objetivo da análise é o de verificar se, por meio da reescrita, alterações significativas foram realizadas e se o texto se adequou melhor ao objetivo do gênero. Assim, na análise dos dados foram consideradas questões relacionadas aos conteúdos, às ideias, aos argumentos, às opiniões, à forma, estrutura do gênero, pontos ortográfico-gramaticais, bem como questões de coesão e coerência textual.

### **Análise da escrita e reescrita dos participantes da Oficina**

Levando em consideração que o projeto de extensão, no qual se insere este trabalho, tem como principal propósito entender e analisar quais são os processos envolvidos durante a produção de um texto do gênero argumentativo, investigou-se o material de uma forma teórica, focando principalmente nos trechos reescritos pelos acadêmicos. Observa-se, também, antes de se iniciar a análise dos excertos dos textos, que as professoras em formação produziram as devolutivas com o intuito de propiciar a reescrita e que o propósito deles não foi o de condenar erros, apenas apontar trechos em que poderia haver modificações, com o objetivo principal de melhorá-los.

Seguindo esses princípios, a seguir apresenta-se um dos fragmentos do texto do Articulista 1 que foi utilizado para análise:



Digno de debate, o uso prematuro da tecnologia é motivo de polêmica na sociedade, uma vez que inserido precocemente pode causar problemas no desenvolvimento social infantil e diminuir as capacidades de exercer funções básicas no cotidiano.

Nesse excerto, a professora em formação fez um apontamento em relação à palavra “inserido”, a partir da seguinte indagação: “Inserido no que?”. A partir desse apontamento, o Articulista 1 releu, repensou e reescreveu o trecho, que ficou da seguinte maneira:

Digno de debate, o uso prematuro da tecnologia é motivo de polêmica na sociedade, uma vez que inserido na infância precocemente pode causar problemas no desenvolvimento social infantil e diminuir as capacidades de exercer funções básicas no cotidiano.

Pode-se dizer, com base na reescrita, que o articulista concordou com o apontamento e reescreveu o trecho, pois compreendeu que poderia haver possíveis questionamentos que um futuro leitor poderia fazer, tal qual o feito pela professora em formação: “*Inserido no que?*”. Essa é uma questão de ordem gramatical, sintática, de regência nominal que afeta o entendimento do sentido do trecho. Essa alteração pode ser embasada teoricamente em Vigotski (1996), quando afirma que “[...] a comunicação por escrito baseia-se no significado formal das palavras e requer um número maior de palavras do que a fala oral, para transmitir a mesma ideia” (Vigotski, 1996, p. 122). Esse fato pode ser percebido pela adição das palavras: “na infância”.

Com base em Vigotski (1996), pode-se também pensar que a mudança que foi realizada pelo articulista no trecho deu-se em virtude de seu desejo em facilitar o entendimento do possível leitor, para que este compreenda a ideia que estava sendo apresentada. Isso porque, segundo o autor, ao dirigir-se “[...] a um interlocutor ausente, que muito poucas vezes tem em mente o mesmo assunto que o escritor”, a escrita necessita ser mais desenvolvida, ou seja, sua “[...] diferenciação sintática deve chegar ao seu ponto máximo, e devem-se usar expressões que soariam artificiais na conversação” (Vigotski, 1996, p. 177-178).

O excerto do Articulista 1 pode ser considerado uma “frase abreviada” e, segundo Vigotski (1996, p. 173), “[...] com muita frequência, as frases abreviadas criam confusão”, pois o “[...] ouvinte pode relacionar a frase a um sujeito que já esteja em sua mente, e não ao sujeito a que se refere o emissor”. Caso “[...] os pensamentos das duas pessoas coincidam, um perfeito entendimento poderá ser obtido pelo simples uso dos predicados, mas se estiverem pensando em coisas diferentes, o mais provável é que não se entendam” (Vigotski, 1996, p. 173).

Outro caso que se assemelha a essas análises é o do articulista 2, no seguinte excerto:

A sociedade globalizada em detrimento das relações humanas.

A globalização surge com o intuito de diminuir as distâncias e promover a interação das economias umas com as outras, essa prática desencadeou

uma série de consequências, interferindo diretamente na forma em que a maioria das pessoas agem, principalmente no modo de interação social entre as mesmas, levando em consideração mais o lado individualista e virtual.

Percebe-se, ao ver o fac-símile da primeira versão (Anexo 3), que houve vários apontamentos, sugestões e questionamentos por parte das professoras em formação. Dentre eles, pode-se apontar a questão da palavra “distâncias”, em que a professora em formação perguntou: “Distâncias do que?”. Como forma de responder a dúvida do leitor, que no caso era a professora em formação, o articulista reformulou o enunciado, e, como já se pontuou, pode-se aqui justificar pelas mesmas considerações feitas no texto do Articulista 1:

“Percebe-se que a globalização surgiu com o intuito de diminuir a distância entre as pessoas, [...]”

Voltando ao texto do Articulista 1 (Anexo 1), observa-se que, no segundo parágrafo, há a informação de que uma empresa chamada AVG Technologies fez uma pesquisa. A professora em formação apontou que o nome da empresa deveria estar em itálico, e isso foi reconhecido pelo articulista, que, em sua segunda versão, modificou a forma de destaque.

No início do terceiro parágrafo, no excerto: “a agência pública de saúde britânica afirma que o uso [...]”, a professora em formação questionou ao articulista se essa agência teria um nome específico, dado que o articulista utilizou o artigo definido “a” no início do trecho. A opção do articulista, em sua segunda versão, foi colocar em letras maiúsculas as iniciais das palavras “agência”, “pública” e “saúde”. Essa troca, mesmo que sutil e sem a resolução do problema apontado, demonstrou, pelo menos, que, de certa forma, o articulista considerou o apontamento feito pela professora em formação. Infere-se que o porquê de não ter contemplado de forma mais assertiva o questionamento, pode ser pelo fato de não saber resolver ou por não ter encontrado a fonte que indicaria o nome da agência.

Observa-se, ainda, na análise do texto produzido pelo Articulista 1, que o restante do terceiro parágrafo foi unido ao quarto, uma vez que isso foi apontado pela professora em formação. Da mesma forma, no quinto parágrafo, foi incorporado um “porém” e “acredita-se que ela”, que foram sugeridos pelo corretor. Por outro lado, uma vírgula, na antepenúltima linha do texto, depois de “além de que”, não foi incorporada, o que pode ter sido causado por uma desatenção do articulista. De maneira geral, no texto do Articulista 1, observa-se que os apontamentos feitos pelas professoras em formação foram relacionados mais ao nível formal da língua, representados pelas questões de norma padrão, pontuação, uso de conjunções e organização de parágrafos. Assim, as correções incorporadas pelo articulista também foram nesse âmbito.

Passando-se à análise do texto do Articulista 2, começa-se com o título, pois foi feita a seguinte observação, pelo corretor: “Não colocar ponto final no título”. A sugestão foi aceita pelo articulista, pois na versão reescrita do texto, o título ficou sem a utilização do ponto final. Segundo Koch e Elias (2014, p. 90), o título é o “[...] primeiro desencadeador de perspectivas sobre o texto, que vai servir de condutor para as interferências que o leitor terá de fazer.” Aliás, um título bem escolhido,

[...] prepara o leitor para o que vai encontrar no texto, ativa sua memória conjuntos de conhecimentos necessários para a compreensão (*frames*, esquemas), permite-lhe fazer previsões, levantar hipóteses, que, na sequência da leitura, vão ser testadas, confirmando-se ou não: isso porque existem títulos despistadores, intencionalmente ou não, principalmente em produções de publicitários ou humoristas (Koch; Elias, 2014, p. 90, grifo das autoras).

Ainda analisando o texto do Articulista 2, pode-se perceber uma reformulação interessante no excerto: “[...] essa prática desencadeou uma série de consequências, interferindo diretamente na forma em que a maioria das pessoas age, [...]”. Interessante porque a mudança ocorreu por conta própria, ou seja, não houve nenhum apontamento por parte das professoras em formação. O articulista percebeu sozinho que o trecho necessitava de reformulações para ficar claro, coeso, coerente e que despertasse o interesse em seu interlocutor. Na releitura de seu próprio texto, ele não encarou a condição relatada como uma “prática”, mas sim, como um fenômeno, inclusive iniciando uma nova oração: “Esse fenômeno desencadeou uma série de consequências, as quais interferem diretamente nas ações de muitos indivíduos, principalmente no modo de interação social, [...]”, o que deu mais força a sua argumentação, novamente no sentido de convencer seu futuro leitor do seu ponto de vista (característica do gênero artigo de opinião, cf Bräkling, 2000), uma vez que uma “prática” é diferente de um “fenômeno”, pois o último tem um maior peso.

Esse fato comprova o pensamento de Vigotski (1996), segundo o qual todo autor é também um respondente. Isso porque anota, concorda ou contesta ideias que constituem a sua obra. Pode-se supor, com base nessa atitude do Articulista 2, que ele estava desenvolvendo sua própria criticidade, pois, mesmo sem receber críticas das professoras em formação, encontrou formas de melhorar sua própria produção textual. Isso só foi possível por meio da reescrita.

Ainda no primeiro parágrafo, no excerto: “levando em consideração, mais o lado individualista e virtual.”, as professoras em formação apontaram que a linguagem estava informal, o que acabava dificultando o entendimento do texto, visto que esse tipo de linguagem, de acordo com teorias apresentadas na Oficina, era pouco utilizada no gênero Artigo de Opinião. Atendendo à observação, o articulista reformulou para: “que está cada vez mais individualista e virtual”.

No segundo parágrafo do texto, mesmo com poucos apontamentos por parte professoras em formação, houve, por parte do Articulista 2, reformulações e mudanças. Observe-se:

Primeira versão: “Esse fato é bem visível no século XXI, inclusive o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, trata do assunto em relação a modernidade líquida, ele mostra a dificuldade que apresentamos em nos comunicar face a face com outras pessoas e também como as nossas relações são feitas para durar menos”.

Versão reescrita: “Esse fato é bem visível no século XXI, inclusive o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, trata do assunto, mostrando a dificuldade na comunicação face

a face com outras pessoas e também como as nossas relações são feitas para durar menos; esta análise é conhecido em seus estudos como Modernidade Líquida.”

Dentre as reformulações que podem ser percebidas, está a reorganização das informações com relação à “modernidade líquida”. O articulista deixou mais clara a informação do conceito dessa expressão, uma vez que ele está sempre em uma relação dialógica com o leitor do seu artigo de opinião (Bräkling, 2000) pois ele

[...] é muito importante. Os outros, para os quais meu pensamento se torna, pela primeira vez, um pensamento real [...] não são ouvintes passivos, mas participantes ativos da comunicação verbal. Logo de início, o locutor espera deles uma resposta, uma compreensão responsiva ativa. Todo enunciado se elabora como se para ir ao encontro dessa resposta (Bakhtin, 1997, p. 320).

Essa ideia é tão real que se comprova nesse rearranjo, uma vez que nem houve uma correção, então, por que a troca? Ela visa uma “resposta”, uma “compreensão responsiva ativa” do leitor, a do entendimento da expressão supracitada, que talvez não estivesse claramente expressa e por conseguinte entendida pelo leitor. Para além disso, o articulista “reforça” a escrita desse parágrafo, pois ele contém um argumento de autoridade, característica do gênero Artigo de Opinião (Abaurre e Abaurre, 2012; Bräkling, 2000) e, para tanto, o articulista parece ter conhecimento de que ele precisa estar bem claro para ser bem aproveitado.

Nesse sentido, houve também a diminuição do tamanho de algumas frases, tais como: “ele mostra a dificuldade que apresentamos em nos comunicar” para “mostrando a dificuldade na comunicação”. Nesse caso, o articulista transformou a frase coordenada em uma reduzida de gerúndio. Após o apontamento do corretor, em relação ao pronome “nós” e às palavras “nossas” e “apresentamos”, visto que não se caracterizava como terceira pessoa, forma do discurso que foi solicitada na Oficina, ancorada na estudiosa Bräkling (2000) e retomada na fundamentação teórica deste trabalho.

Houve, assim, a substituição da primeira pessoa, “nos comunicar”, para o impessoal, “comunicação”. Essa mudança da pessoa do discurso foi feita por meio da substantivação do verbo no infinitivo nos comunicar para comunicação. Essa modificação é sempre muito indicada como “boa escrita” em cursos de redação, o que pode ser facilmente constatado quando se faz uma busca nos sites de pesquisa da Internet, com um simples comando: “nominalização” + “produção textual”. A nominalização também é um fenômeno muito comum como objeto de estudos de linguistas no campo da argumentação e da referenciação.

Observem-se também as reformulações feitas no quarto parágrafo do texto do Articulista 2:

Primeira versão: “O século XXI está marcado com uma forte presença dos telefones celulares, segundo pesquisas feitas por Andrew K. Przybylski e Netta Weinstein, publicada em ‘The Journal of Social and Personal Relationships’: indica que a simples presença de telefones celulares inibe o desenvolvimento da proximidade e confiança interpessoais, e reduz os níveis

de empatia e compreensão das duplas, isto é, a simples presença de um celular é um obstáculo para a comunicação entre duas pessoas”.

Versão reescrita: “Levando em consideração o lado virtual do século XXI, o qual está marcado com uma forte presença dos telefones celulares, pode-se chamar a atenção aos estudos feitos por Andrew K. Przybylski e Netta Weinstein, publicados em ‘The Journal of Social and Personal Relationships’, que dizem que a simples presença de telefones celulares inibe o desenvolvimento da proximidade e confiança, além de reduzir os níveis de empatia e compreensão nas relações interpessoais, isto é, a simples presença de um celular é um obstáculo para a boa comunicação entre duas pessoas”.

As professoras em formação fizeram os seguintes apontamentos (Anexo 3): a) a palavra “indica” não se encaixa nesse enunciado; b) “interpessoais” poderia ser mudado para “interpessoal”; c) “reduz” poderia ser trocado por “reduzindo”; d) “das duplas” para “grupo”; e) “grupo” poderia ser especificado, para isso foi feita a seguinte questão pelo corretor: “do grupo? quem é?”. Observando-se a reescrita, percebe-se que esses apontamentos foram absorvidos, não necessariamente com as palavras sugeridas. No entanto, houve, de fato, uma reformulação, o que comprova a teoria de Vigotski (2002, p. 53), para a qual o signo “age sobre o indivíduo” e nesse processo entra o papel do outro mais experiente para a mediação, nesse caso o do corretor, que influenciou o articulista por meio dos signos, do linguístico, a melhorar seu texto não só no que foi apontado explicitamente, mas que levou o articulista à reflexão.

Prova disso está na segunda produção na mudança do início do parágrafo, de: “O século XXI está marcado com uma forte presença dos telefones celulares”, para “Levando em consideração o lado virtual do século XXI, o qual está marcado com uma forte presença dos telefones celulares”, em que se acentua que o lado virtual não se restringe somente aos celulares, mas às tecnologias virtuais em geral, mesmo que em seguida o articulista enfatize os celulares. Percebe-se no parágrafo também a mudança da frase coordenada aditiva (com repetição de “e”) relacionada ao verbo “reduz”, “e reduz os níveis de empatia e compreensão”, resultando em uma nova frase coordenada, sem repetição do “e”: “além de reduzir os níveis de empatia e compreensão”.

Outro trecho do texto do Articulista 2 que vale ressaltar e apontar as mudanças é o quinto parágrafo. Mesmo que os corretores tenham sugerido poucas mudanças, o próprio articulista fez algumas após a releitura, conforme observa-se ao confrontar as versões:

Primeira versão: “Entretanto a proposta da globalização é diminuir as distâncias, ter contato com várias pessoas de diversos lugares, mas levando em consideração o fato de que as mesmas só sabem se expressar através das redes sociais (tecnologia) acabam perdendo momentos preciosíssimos ao estarem na presença de outros indivíduos”.

Versão reescrita: “Entretanto apesar da proposta de globalização ser a de diminuir as distâncias, possibilitando assim, o contato de várias pessoas de diversos lugares, percebe-se que grande parte dos indivíduos só consegue se expressar por meios tecnológicos, perdendo assim, momentos preciosíssimos”.

O apontamento único do corretor foi o de alterar o seguinte excerto: “o fato de que as mesmas só sabem se expressar através das redes sociais”, pois estava ocorrendo uma generalização. Dessa forma, as professoras em formação deixaram uma sugestão que poderia ser utilizada pelo articulista: “maioria”. Observando-se a versão reescrita, percebe-se que a ideia sugerida foi absorvida. As outras alterações feitas pelo articulista se justificam, como já se evidenciou neste artigo, provavelmente pelo “rascunho mental” que o autor vai fazendo, rascunho esse que, segundo Vigotski (2001), é a nossa fala interior.

Outra reformulação sugerida está relacionada ao todo do texto, ou seja, à sua aparência, seus aspectos gráficos. Sugeriu-se que o Articulista 2 deixasse seu texto com uma aparência mais harmônica e uniforme, fazendo os recuos necessários no início dos parágrafos, bem como observasse o tamanho dos parágrafos, evitando que esses ficassem muito irregulares. Na primeira versão, o texto não contém recuo no início dos parágrafos, situação que já não é identificada na versão reescrita, em que ocorrem os recuos necessários. Percebe-se, por fim, que o texto do Articulista 2 mudou, quando da reescrita, nos níveis gramaticais, de ideias, de clareza, coesão e coerência e até mesmo nas questões mais superficiais estéticas do texto.

Por fim, pode-se dizer, ao analisar a primeira versão, com apontamentos dados pelo corretor, e sua posterior reescrita, que ocorreram mudanças importantes, tanto no texto do Articulista 1 quanto no texto do Articulista 2. Percebe-se, assim, que o processo de escrita e, principalmente, de reescrita, é muito importante para o desenvolvimento de uma atitude reflexiva e crítica por parte dos participantes das Oficinas. Esses, futuros professores, tendo essa experiência positiva, possivelmente repassarão esses conhecimentos a seus alunos, proporcionando-lhes uma aquisição e um progresso da competência discursiva muito mais significativa.

### **Considerações finais**

Pôde-se perceber, pelos dados analisados, que os dois acadêmicos que tiveram seus textos aqui analisados adquiriram uma competência discursiva mais elaborada, a partir dos apontamentos feitos pelas professoras em formação, uma vez que houve vários casos em que ocorreram modificações do texto mesmo sem um apontamento específico dos corretores. Outrossim, evidenciou-se que, uma vez apontado algum excerto do texto, mesmo que por outras razões, o acadêmico fazia outras alterações. Isso foi possível pela oportunidade da releitura e da reescrita; caso contrário, possivelmente não teria sido feita a correção.

Outro aspecto interessante a ser destacado é que os apontamentos do texto do Articulista 1 foram direcionados a um nível mais formal da língua, referentes à maneira de escrita, enquanto os apontamentos do texto do Articulista 2 mesclaram questões de forma e, também, das ideias. O resultado foi que o Articulista 2 conseguiu fazer mais acréscimos em seu texto, mediante os questionamentos críticos das professoras em formação e, também, por meio dos questionamentos feitos em outras partes do texto, soube incluir ideias não

pontuadas por elas. Ou seja, aprendeu com os apontamentos explícitos e desenvolveu um pensamento crítico com relação ao próprio texto. Isso leva a crer que comentários mais relacionados ao campo das ideias produzem um efeito reflexivo nos alunos, ponto a ser considerado pelos professores de produção textual.

Notou-se, ainda, que apontamentos mais da ordem das correções gramaticais, tais como regência verbal, troca de construções frasais de coordenadas para reduzidas de gerúndio, concordância verbal e de número, levaram a outras mudanças, no caso semânticas, pois afetavam o sentido global do parágrafo. Percebe-se, assim, que mesmo as correções gramaticais, que são mais da ordem formal, influenciam no entendimento do texto, o que se relaciona mais ao conteúdo. É claro que não são todas as correções gramaticais que irão ter esse efeito, por isso a importância de se perceber exatamente onde elas estão.

Foi observado também que algumas das mudanças feitas pelo autor do texto destinavam-se a tentar convencer o seu futuro leitor, pois, nas modificações, a força argumentativa de sua escrita aumentou. Por outro lado, observou-se que alguns apontamentos não foram atendidos *ipsis litteris*, porém, serviram para uma modificação no texto. Outras correções mais específicas, como troca de palavras, mudança de pessoa do discurso no texto, indicação de generalização de ideias etc. foram absorvidas pelos autores, tais como indicadas.

Portanto, a oportunidade de releitura do próprio texto e de sua reescrita fez com que o seu autor refletisse melhor sobre o conteúdo e também sobre a forma como ele veiculou esse conteúdo, perpassando, é claro, pelas questões de mudanças ortográfico-gramaticais. Os dados mostraram a importância da correção, que é um meio pelo qual faz emergir a reflexão, mesmo que seja uma correção de ordem mais formal.

## Referências

ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M. **Um olhar objetivo para produções escritas**: analisar, avaliar, comentar. São Paulo: Moderna, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRÄKLING, Kátia Lomba. Trabalhando com artigo de opinião: re-visitando o eu no exercício da (re)significação da palavra do outro. In: ROJO, Roxane (Org.). **A prática da linguagem em sala de aula**: praticando os PCN. São Paulo: EDUC; Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000.

ENEM 2017: leia redações nota mil. **O Globo**, Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/leia-redacoes-nota-mil-do-enem-2017.ghtml>> . Acesso em 5 ago. 2023.

FIAD, Raquel Salek. **Escrever é reescrever**: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale, FaE/UFMG, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual**. Análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PEREIRA, Rodnei; RIGOLON, Walkiria; PRÍNCIPE, Lisandra. Aprender a ensinar por meio da leitura, escritura e reescritura de textos. In: **Ensinando futuros professores: experiências formativas inspiradoras** / Gabriela Miranda Moriconi (organizadora) – Curitiba, PR : CRV, 2020. – Coedição: São Paulo, SP: Fundação Carlos Chagas, 2020. 248 p.

SANTOS, Vanessa Cerqueira. A produção textual na escola: eu escrevo, tu escreves, ele escreve... Como? **III Seminário de Língua Portuguesa e Ensino, I Colóquio de Linguística, Discurso e Identidade**. Bahia: UESC, 2008.

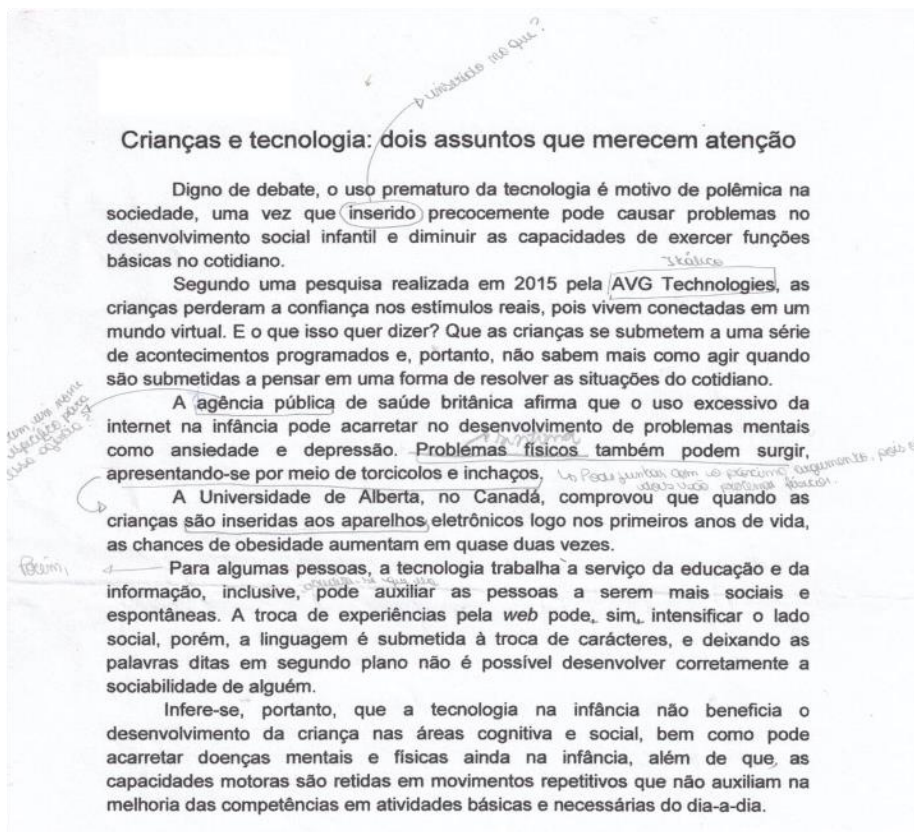
VIGOTSKI, Levi Semionovitch. **Pensamento e linguagem**. 1. ed. 6a reimpressão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKI, Lev S.; LURIA, Alexander R.; LEONTIEV, A. N.; **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2001.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.



Anexo 1: Primeira produção – Articulista 1



Anexo 2: Segunda produção – Articulista 1

↳ Unhábito no Quid?

### Crianças e tecnologia: dois assuntos que merecem atenção

Digno de debate, o uso prematuro da tecnologia é motivo de polêmica na sociedade, uma vez que inserido precocemente pode causar problemas no desenvolvimento social infantil e diminuir as capacidades de exercer funções básicas no cotidiano.

Segundo uma pesquisa realizada em 2015 pela AVG Technologies, as crianças perderam a confiança nos estímulos reais, pois vivem conectadas em um mundo virtual. E o que isso quer dizer? Que as crianças se submetem a uma série de acontecimentos programados e, portanto, não sabem mais como agir quando são submetidas a pensar em uma forma de resolver as situações do cotidiano.

A agência pública de saúde britânica afirma que o uso excessivo da internet na infância pode acarretar no desenvolvimento de problemas mentais como ansiedade e depressão. Problemas físicos também podem surgir, apresentando-se por meio de torcicolos e inchaços.

A Universidade de Alberta, no Canadá, comprovou que quando as crianças são inseridas aos aparelhos eletrônicos logo nos primeiros anos de vida, as chances de obesidade aumentam em quase duas vezes.

Para algumas pessoas, a tecnologia trabalha a serviço da educação e da informação, inclusive, pode auxiliar as pessoas a serem mais sociais e espontâneas. A troca de experiências pela web pode, sim, intensificar o lado social, porém, a linguagem é submetida à troca de caracteres, e deixando as palavras ditas em segundo plano não é possível desenvolver corretamente a sociabilidade de alguém.

Infere-se, portanto, que a tecnologia na infância não beneficia o desenvolvimento da criança nas áreas cognitiva e social, bem como pode acarretar doenças mentais e físicas ainda na infância, além de que, as capacidades motoras são retidas em movimentos repetitivos que não auxiliam na melhoria das competências em atividades básicas e necessárias do dia-a-dia.

*com uma análise superficial para uma questão?*

*trabalha*

*↳ Pode juntar com os parágrafos seguintes, pois é...*

*boom!*

## Anexo 3: Primeira produção – Articulista 2

2ª PRODUÇÃO

→ distância de quem? → Não Coloca o nome antes

### A sociedade globalizada em detrimento das relações humanas.

A globalização surge com o intuito de diminuir as distâncias e promover a interação das economias umas com as outras, essa prática desencadeou uma série de consequências, interferindo diretamente na forma em que a maioria das pessoas agem, principalmente no modo de interação social entre as mesmas, levando em consideração mais o lado individualista e virtual.

Esse fato é bem visível no século XXI, inclusive o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, trata do assunto em seus estudos em relação a modernidade líquida, ele mostra a dificuldade que apresentamos em nos comunicar face a face com outras pessoas e também como as nossas relações são feitas para durar menos.

Bauman também afirma que a humanidade multiplicou as conexões, porém de forma virtual, ao invés de ocorrer uma aproximação entre elas acaba distanciando cada vez mais. O mundo mudou e com essa mudança outras prioridades vieram à tona, o aumento das tecnologias somado as relações interpessoais, geram um vínculo menos afetivo de pessoa para pessoa.

O século XXI está marcado com uma forte presença dos telefones celulares, segundo pesquisas feitas por Andrew K. Przybylski e Netta Weinstein, publicada em "The Journal of Social and Personal Relationships": indica que a simples presença de telefones celulares inibe o desenvolvimento da proximidade e confiança interpessoais, e reduz os níveis de empatia e compreensão das duplas", isto é, a simples presença de um celular é um obstáculo para a boa comunicação entre duas pessoas.

Entretanto, a proposta da globalização é diminuir as distâncias, ter contato com várias pessoas de diversos lugares, mas levando em consideração o fato de que às mesmas só sabem se expressar através das redes sociais (tecnologia) acabam perdendo momentos preciosíssimos ao estarem na presença de outros indivíduos.

Dessa forma podemos perceber que o intuito da globalização diverge com o que realmente ocorre, e não podemos mais voltar atrás, as relações humanas estão se perdendo e novas prioridades se sobrepõe, por isso, é necessário cada indivíduo reanalisar seus conceitos e saber o que realmente deve estar em primeiro lugar.

3ª pessoa - pessoa simples  
interações  
quem?  
não coloca  
quem?  
quem?  
quem?

**Anexo 4: Segunda produção – Articulista 2**